



Nostalgia

O passado deve ser o ponto de apoio para nos lançar ao futuro

Art. 1 – Talvez um dia seja bom lembrar este dia.

Virgílio, Poeta latino (70 – 19 a.C).

Art. 2 – Muitas coisas eu aprendi com a minha família especialmente com meu pai. Ele tinha como costume reunir os filhos e contar histórias, falava do seu passado de vitórias e derrotas, contava casos engraçados e coisas sem nexo, ou pelo menos para mim na época eram sem sentido. Contava ele sobre casas assombradas e vales aterrorizados por alguma espécie de acontecimento macabro. Com ele aprendi os casos engraçados, tristes e dramáticos que cerceiam a vida de qualquer um de nós. Dele herdei a capacidade de ser nostálgico, de olhar para o passado e acreditar que ele é melhor que o presente.

Art. 3 – Essa espécie de andar de costas que acredito ser herança dos casos do meu pai é que de certa forma me habilita a escrever sobre mudança, adaptação e nostalgia. Meu pai, em seus casos, contemplava o passado, exaltava as pessoas e acontecimentos de sua época em detrimento aos acontecimentos de hoje. Na época dele os filhos respeitavam os pais, os mais jovens respeitavam os mais velhos, mulheres e homens tinham mais vergonha e a liberdade sexual era vigiada. Na época dele as pessoas eram mais amigas, menos interesseiras e mais companheiras.

Art. 4 – Na época do meu pai o dinheiro valia mais, as escolas realmente ensinavam e os produtos eram mais baratos. Hoje, poucos anos depois dos tempos do meu pai, o mundo mudou demais, os filhos já não respeitavam os pais, os jovens “gozam” da cara dos mais velhos, a liberdade sexual invadiu a realidade, a televisão, o jornal e a “cartinha” da pré-escola. Hoje as pessoas são mesquinhas, narcisistas e interesseiras, o dinheiro perdeu o valor, e as coisas do passado mudaram totalmente. Hoje acredite ou não o mundo mudou, estamos na era digital, do pulso eletrônico, da mídia interativa.



Art. 5 – Assim como o mundo no geral mudou, o mundo dos negócios também mudaram e mudaram muito. O dinheiro foi substituído por papel (cédulas de créditos, ações, cheques e etc.) depois o papel foi substituído por pulsos eletrônicos (o dinheiro do cartão de crédito). Morreu o freguês, fiel, nasceu o cliente, exigente. Acabou o monopólio nasceu a era da concorrência. Primeiro foi a concorrência local, depois a estadual, e então veio a concorrência em nível de país, agora a concorrência é global.

Art. 6 – As empresas não têm mais dono, os pequenos são engolidos pelos grandes e os grandes pelos gigantes e estes pelos colossais. As empresas não têm mais lastro, não existe mais patrimônio físico, apenas “papeis” eletrônicos, negociados na loucura dos pregões mundiais das grandes bolsas de valores. Não adianta mais sermos nostálgicos, ou entendemos que o mundo mudou ou morreremos afogados no nosso próprio líquido amniótico estrangulado pelo cordão umbilical preso a nossa placenta.

Art. 7 – O mundo de hoje é muito diferente do mundo de antigamente, acabaram os acordos de cavalheiros e o fio do bigode. Acabou a concorrência leal e a teoria do preço justo, começou a era da concorrência pura da era digital, começou a era da informação mais rápida que a velocidade da luz. Hoje nossos concorrentes estão em qualquer parte do mundo, ou em nenhuma parte, pois, podem ser empresas de “e-business”. Nostalgicamente falando os bons tempos passaram. Ficou para a história a era do freguês, das margens altas, dos lucros exorbitantes, do esbanjamento e da proteção alfandegária. Abra os olhos, nasça de novo para o mundo novo. Busque a luz.

**Joel Gonzaga de Sousa, Gerente de compras da Reis Peças, Pedagogo, Psicanalista e Parapsicólogo.*